



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

A promessa foi, e é, de um Deus-Messias, um Deus Salvador e Redentor, de um verdadeiro Libertador. E logo o pensamento e a imaginação divagam por caminhos de opulência, de vivências palacianas, tronos de glória e coroas de esplendor, diríamos hoje, de pálido, lanternas e incenso, um Deus instalado em seu poder e onipotência, que domine das alturas e que exerça um reinado justiceiro onde se premeie os bons e se castigue os malfeitores, onde os “grandes” encontrem encosto e apadrinhamento, podendo participar dos repastos reais e os pequenos se contentem com as migalhas caídas da mesa; são sortes, dirão uns, castigo e maldição, dirão outros!

O desconcertante de toda esta história é que os critérios e as prioridades do Deus-Messias são outras bem diferentes, e mais desconcertante é a “figura”, ser e agir do tão almejado Salvador.

Quando se pensava em guerra, eis a destruição dos carros de combate e o quebrar dos arcos de guerra! Quando se pensava em opulentas e dignas carruagens, eis um “jumentinho, filho de uma jumenta”! Quando se julgava um domínio circunscrito, eis o “domínio de um amar ao outro mar e do Rio até aos confins da terra”!

Quando se pensava que a sabedoria e a lógica seriam dos grandes e para os grandes, eis que só os “pequenos” as podem entender e compreender: são outras ciências, outra sabedoria! É outra revelação!

Há quem perceba de tudo, menos do fundamental! Quem de tudo saiba, menos do que devia saber! Pior que já saber é fechar-se ao querer mais saber! E pior ainda é reconhecer que nada mais se tem a aprender e que ninguém é “professor” capaz de ensinar seja o que for. Aqui, o “sábio” e o “inteligente” é mesmo “pequeno” e o pior é que não sabe, ou não quer saber! Cuidado porque, como diz o ditado, “a ignorância é atrevida”!

Contrariamente, existem os ditos “pequenos” que, embora saibam alguma coisa e de alguma coisa, estão sempre sequiosos e desejosos de mais, que permanecem de mãos abertas em jeito de pedintes, reconhecendo que a verdadeira sabedoria é saber, como diz o filósofo, “que nada se sabe”, daí que permanentemente aluno de uma escola que nunca se fecha e que só confere o grau e diploma de eternos aprendizes.

Quando se luta por títulos que engrandecem o ego e incham o nome, quando se procuram ciências e conhecimentos que nos coloquem no cimo de um pedestal onde se possa cantar como que de galo; quando todos se querem grandes, ao jeito de uma enciclopédia e ser-se “pequeno” é mesmo para “pequenos”, não há hipótese de compreensão, e muito menos de vivência, da verdade da revelação!

Só os “pequenos” a podem acolher, entender e viver porque, afinal, quem faz a revelação é “manso e humilde de coração”, solidário com os últimos, com os ditos ignorantes, com os que são rotulados de menores, com aqueles que vivem a sabedoria do Alto não a qualquer título ou nome mas “honoris causa”.

Há uma Sabedoria que não confere títulos mas missão e há missões que são, apenas e só, reflexos da Sabedoria, porque de vida se trata.

A verdadeira teologia só é revelação do Pai quando os livros se convertem em joelhos diante do Mistério, quando o estudo se converte em oração e a oração se faz vida.

Deus revela-Se? Sim, mas só aos pequenos!

Quando te sentires grande, reza a tua ignorância! E quando te sentires pequeno, vive a tua humildade!

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

XIV DOMINGO DO TEMPO COMUM

Ano A

1ª Leitura Zacarias 9, 9-10

«Eis o teu Rei que vem ao teu encontro, humildemente...»

2ª Leitura Romanos 8,9.11-13

«Se pelo Espírito fizerdes morrer as obras da carne, vivereis»

Evangelho São Mateus 11,25-30

«Sou manso e humilde de coração»

A Palavra do Senhor deste Domingo ensina-nos onde podemos encontrar Deus. Ela garante-nos que Deus não Se revela na arrogância, no orgulho ou na prepotência, mas sim na simplicidade, na humildade, na pobreza e na pequenez.

A primeira leitura apresenta-nos um enviado de Deus que vem ao encontro dos homens na pobreza, na humildade, na simplicidade; e é dessa forma que elimina os instrumentos de guerra e de morte e instaura a paz definitiva.

No Evangelho, Jesus louva o Pai porque a proposta de salvação que



Deus faz aos homens, e que foi rejeitada pelos “sábios e inteligentes”, encontrou acolhimento no coração dos “pequenos”. Os “grandes”, instalados no seu orgulho e auto-suficiência, não têm tempo nem disponibilidade para os desafios de Deus; mas os “pequenos”, na sua pobreza e simplicidade, estão sempre disponíveis para acolher a novidade libertadora de Deus. Na verdade, os critérios de Deus são bem estranhos, vistos de cá de baixo, com as lentes do mundo. Nós, admiramos e incensamos os sábios, os inteligentes, os intelectuais, os ricos, os poderosos,

os bonitos e queremos que sejam eles (“os melhores”) a dirigir o mundo, a fazer as leis que nos governam, a ditar a moda ou as ideias, a definir o que é correcto ou não é correcto. Mas Deus diz que as coisas essenciais são muito mais depressa percebidas pelo “pequenos”: são eles que estão sempre disponíveis para acolher Deus e os seus valores e para arriscar nos desafios do “Reino”. A Palavra de Deus ensina: a sabedoria e a inteligência não garantem a posse da verdade; o que garante a posse da verdade é ter um coração aberto a Deus e às suas propostas (e com frequência, com muita frequência, são os pobres, os humildes, os pequenos que “sintonizam” com Deus e que acolhem essa verdade que Ele quer oferecer aos homens para os levar à vida em plenitude).

Na segunda leitura, Paulo convida-nos - comprometidos com Jesus desde o dia do Baptismo - a vivermos “segundo o Espírito” e não “segundo a carne”. A vida “segundo a carne” é a vida daqueles que se instalam no egoísmo, orgulho e auto-suficiência; a vida “segundo o Espírito” é a vida daqueles que aceitam acolher as propostas de Deus.

SABIAS QUE...



... ao longo de cada ano, a liturgia organiza-se segundo vários tempos? Decerto já reparaste que, com o decorrer do ano, a Igreja, revestindo-se de simbolismo, adopta diferentes cores nos seus paramentos sagrados (roxo, branco e verde), correspondendo estas, de uma forma genérica, aos seus diferentes tempos.

Assim, em primeiro lugar, será

importante recordar que, ao contrário do ano civil, o ano litúrgico tem início com o Tempo do Avento e término no último Domingo do Tempo Comum, Domingo este em que se celebra a Festa de Jesus Cristo Rei do Universo. Poderemos afirmar que o ano litúrgico “revela todo o mistério de Cristo no decorrer do ano, desde a encarnação e nascimento até à ascensão, ao Pentecostes e à expectativa da feliz esperança da vinda do Senhor”, sendo a celebração da vida de Jesus que renova e alimenta a nossa vida cristã pela força sacramental que as suas celebrações encerram.

Deste modo, o ano litúrgico é composto pelos seguintes tempos litúrgicos, representando as cores que adoptam a índole dos mesmos: Tempo do Advento – tempo de preparação próximo e para as solenidades do Natal, caracterizado por uma piedosa e alegre expectativa, sendo o roxo a sua cor –; Tempo do Natal – é a celebração do nascimento

de Jesus, sendo celebrado da Festa do Natal até o Baptismo do Senhor, utilizando-se a cor branca –; Tempo da Quaresma – tempo de preparação para a Páscoa do Senhor, sendo constituído por 5 Domingos da Quarta-feira de Cinzas ao Domingo de Ramos (cor roxa) –; Tempo Pascal – tempo de alegria e de exultação, tendo como centro e início o Tríduo Pascal e terminando no Domingo de Pentecostes (cor branca); e o Tempo Comum – tempo de celebração do caminho de Jesus desde o chamamento dos discípulos até os ensinamentos sobre os fins dos tempos, estendendo-se por 34 domingos desde o Baptismo do Senhor até à Quaresma e, depois, entre a Festa de Pentecostes e a Festa de Cristo Rei do Universo.

Permitamo-nos, enquanto cristãos, dar tempo aos tempos de Deus, vivendo, em plenitude e oração, cada um dos tempos de cada ano litúrgico.

Fonte: www.arquidiocesedepelotas.org

POR CÁ

Confinamento obrigou a catequese a “reinventar-se”



A pandemia e o consequente confinamento a que toda a sociedade açoriana foi sujeita obrigou o Serviço Diocesano da Catequese, Evangelização e Missão a reinventar-se para conseguir manter activa a catequese em muitas paróquias.

O recurso às novas tecnologias digitais e um contacto directo entre catequistas, crianças e adolescentes fizeram parte das estratégias sugeridas pelo serviço aos diferentes catequistas na sequência da suspensão da catequese presencial.

Ainda assim, o director diocesano daquele Serviço, padre Jacob Vasconcelos, sublinha que foram tempos atípicos e marcados por “alguma disparidade”: “A primeira fase da calendarização das actividades do Serviço funcionou de forma regular tendo em conta o ritmo e a resposta de cada comunidade, mas cumprindo sempre aqueles que foram os objectivos propostos: formação, encontros e espiritualidade. Mas, após a chegada da pandemia, o confinamento obrigou-nos a ponderar as iniciativas e a

reinventarmo-nos”, adiantou. “Também neste período o balanço é positivo embora tenhamos consciência de que nem todas as paróquias andaram ao mesmo ritmo e tiveram a mesma capacidade e disponibilidade para se adaptarem a novas realidades digitais. Mais importante que tudo é que, cada um, ao seu jeito, conseguiu continuar a difundir o evangelho” esclarece ainda o sacerdote que não quer para já comprometer-se com uma definição rigorosa das actividades que irão ser desenvolvidas no próximo ano pastoral.

Recorde-se que as sessões de catequese foram suspensas no dia 16 de Março, altura em que a Igreja decidiu suspender todas as actividades celebrativas comunitárias, como as missas, a catequese e as reuniões dos movimentos. Por isso o terceiro trimestre da catequese, este ano, decorreu em casa.

Para a infância, o Serviço propôs que o catequista preparasse semanalmente a sessão de catequese e a enviasse aos pais, via internet ou outra similar, com um resumo da sessão, devidamente adaptada, destacando “a Experiência humana, a Palavra (explicada) e a Expressão da fé/compromisso, de forma a que os pais pudessem trabalhar essa sessão de catequese com os filhos, num estilo de catequese familiar”.

Para a catequese da adolescência, sublinhou-se que o catequista seguisse o mesmo esquema, mas em vez do material preparado ser enviado aos pais foi enviado directamente para os catequizandos.

POR LÁ

Papa pede uma Igreja unida, sem sede de poder nem de riqueza

O Papa presidiu na passada Segunda-feira à Missa da solenidade de São Pedro e São Paulo, com participação reduzida a cerca de uma centena de pessoas, no Vaticano, e pediu uma Igreja unida, sem sede de poder nem de riqueza: “Não poder, mas coerência; não palavras, mas oração; não proclamações, mas serviço. Se queres uma Igreja profética, começa a servir. Não teoria, mas testemunho. Precisamos não de ser ricos, mas de amar os pobres; não de ganhar para nós, mas de nos gastarmos pelos outros; não do consenso do mundo, estar bem com todos, estar bem com Deus e com o diabo – não, isto não é profecia – mas da alegria pelo mundo que virá”, disse, na homilia que proferiu na Basílica de São Pedro.

Durante aquela celebração, o Papa abençoou os pálios que serão entregues aos arcebispos metropolitanos nomeados no decorrer do último ano, incluindo cinco dioceses lusófonas: Díli, em Timor-Leste, e quatro brasileiras.

O Papa sublinhou que São Pedro e São Paulo eram “duas pessoas muito diferentes” que souberam viver como irmãos num fase “crítica” para a Igreja Católica, pouco depois de ter nascido.

“Neste momento trágico, ninguém foge, ninguém pensa em salvar a pele, ninguém abandona os outros, mas todos rezam juntos. Da oração, tiram coragem; da oração, vem uma unidade mais forte do que qualquer ameaça”, recordou.

Francisco desafiou os católicos a “construir uma Igreja e uma humanidade renovadas”, com capacidade profética: “A profecia nasce quando nos deixamos provocar por Deus: não quando gerimos a própria tranquilidade, mantendo tudo sob controlo. Quando o Evangelho inverte as certezas, brota a profecia. Só quem se abre às surpresas de Deus é que se torna profeta”, precisou.

O Papa aproveitou a altura para pedir “pastores que ofereçam a vida, enamorados de Deus”.



ENTRE NÓS...

A Pastoral Juvenil em tempo de confinamento



Sem aviso prévio, entrou nas nossas vidinhas uma pandemia denominada Covid19 que abalou todas as nossas práticas quotidianas e, consequentemente, a nossa missão, enquanto elementos da Pastoral Juvenil. Após o choque inicial, tomamos consciência que, apesar de todas as limitações à nossa acção, não poderíamos esperar passivamente que tudo regressasse à normalidade ou, de forma mais precisa, a uma nova normalidade.

Assim, foi reflectindo sobre as dificuldades sentidas na vivência deste novo paradigma e inerentemente na impossibilidade de executar as actividades planificadas para o corrente ano,

que surgiu a ideia de criar um kit, com desinfetante, sabonete líquido e máscaras sociais, para entrega aos nossos irmãos mais fragilizados que estão em situação de sem-abrigo. Esta tarefa, tendo partido de um grupo restrito, rapidamente envolveu empresas, com e sem fins lucrativos, bem como particulares, tanto ao nível da angariação do material, como da confecção das máscaras sociais. Esta acção, mais do que a simples dádiva, procurou demonstrar que, sobretudo nos tempos mais adversos, todas as pessoas contam, são importantes, porque todos somos filhos do mesmo Pai. Desta forma, a Pastoral Juvenil tem estado nas ruas de Ponta Delgada a fazer a distribuição e explicação sobre a melhor utilização do material entregue.

Numa fase em que o confinamento não nos permitiu celebrar a Fé juntos fisicamente, estivemos unidos em oração na Eucaristia e em Vigília através dos meios digitais. Foi tempo de nos desafiarmos, de levarmos aos jovens e às famílias a presença deste Deus Vivo, que não se confina, nem se fecha no sacrário. Acompanha-nos, mesmo que para isso tenhamos de o recordar utilizando as novas ferramentas digitais. Semanal-

mente, com a participação de jovens de todas as ilhas dos Açores, celebramos a Fé, demos o nosso contributo, e percebemos que, mesmo afastados, podemos dar o nosso testemunho, estar juntos em oração. Afinal, as redes sociais, se usadas na medida certa, fazem-nos estar mais próximos. Há que saber tirar partido do que de bom a nossa sociedade constrói.

Paralelamente, e neste espírito, temos aproveitado para a realização de reuniões não presenciais com todos os responsáveis e equipas da Pastoral Juvenil de todas as ilhas da Diocese. Este trabalho, ainda em curso, tem sido muito profícuo, na medida em que tem sido possível conhecer melhor a realidade de cada ilha, nomeadamente as suas potencialidades e maiores desafios, havendo sempre lugar para a partilha de experiências e estratégias para chegar aos jovens de forma eficaz, até porque todos desejamos uma “Igreja +”, onde todos são imprescindíveis.

As referidas reuniões, estando a ser realizadas entre a Pastoral Juvenil e um só interlocutor de cada vez, culminarão numa reunião geral, no próximo dia 20 de Julho, onde será possível

apresentar as conclusões de todo este trabalho conjunto, bem como afinar linhas orientadoras da acção juvenil na Diocese.

Dando seguimento ao trabalho iniciado antes desta “paragem” nas nossas vidas, continuamos a elaboração do manual do animador, uma ferramenta que pretende dar novas perspectivas e ajudar na formação de novos animadores de Pastoral Juvenil. Se sentimos tanto falta dos animadores, é tempo de lançar mãos à obra, de prepararmos mais discípulos no terreno. Afinal a messe é grande, e os trabalhadores, mesmo que nos pareçam poucos, poderão ser capazes de grandes feitos.

É tempo de continuarmos, de não baixarmos os braços e encararmos esta realidade como uma oportunidade de melhorarmos, de vermos a nossa realidade de uma nova perspectiva, que nos motiva a ser e a fazer mais a cada novo dia. Não esqueçamos a Palavra do Mestre: “Não fostes vós que me escolhestes; fui Eu que vos escolhi a vós e vos destinei a ir e a dar fruto, e fruto que permaneça” Jo 15, 16